

## UMA REFLEXÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A HISTÓRIA DA FAMÍLIA NO BRASIL E EM GOIÁS<sup>1</sup>

Maria Meire de CARVALHO<sup>2</sup>

*A família patriarcal pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da "Casa Grande" o processo total de formação da sociedade brasileira.*

MARIZA CORREIA

### RESUMO

O presente artigo mostrará como a historiografia brasileira tem tratado a temática **Família**. Assim, destacaremos como o novo olhar historiográfico das últimas décadas favoreceu e fortaleceu os estudos que discutem a questão da família, da mulher, da sexualidade, do negro, da criança etc, campos da História que até pouco tempo eram considerados de pouca importância. Levantaremos, ainda, como essa temática está sendo discutida em nível de Goiás.

Para discutirmos a História da Família no Brasil, faz-se necessário que retomemos alguns estudos que trataram dos

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do trabalho apresentado ao final da disciplina "História da Família: conceitos e preconceitos", do curso de Mestrado em História das Sociedades Agrárias da Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Mestranda em História na UFG, professora de Didática e Prática do Ensino de História, na Unidade Universitária "Cora Coralina", da UEG, na cidade de Goiás.

aspectos da composição da sociedade mundial e brasileira. O diálogo com esses trabalhos nos mostra como historiadores, antropólogos e sociólogos trataram e como estão tratando a temática Família.

Dentre os historiadores, em nível mundial, Ariés (1981), com sua obra *História Social da Criança e da Família*, foi um dos pioneiros em abordar a temática família como objeto de análise histórica. Seu trabalho possibilitou repensar algumas questões como sentimentos, emoções, educação infantil e outros conceitos que estão sendo revistos em realidades específicas para o caso do Brasil.

Nas duas últimas décadas do século passado, tivemos a contribuição da História das Mentalidades e da História Demográfica no sentido de abrir novas interpretações à História da Família. Essas discussões em nível de mentalidades e demografia foram importantes, na medida em que procuraram não isolar os enfoques sócio-econômicos, políticos e demográficos do contexto sócio-cultural.

Dessa forma, uma rica documentação estatística possibilitou aos pesquisadores diferentes interpretações, inclusive enxergando as diferenças existentes na sociedade e, conseqüentemente, na família brasileira.

No Brasil, o estudo social da família, apesar de ter sido analisado em décadas anteriores, quando antropólogos e sociólogos eram os que mais se dedicavam ao assunto, só foi incorporado definitivamente no universo acadêmico, nos anos de 1980. Até esse período, tivemos pouca contribuição de trabalhos realizados por historiadores, a não ser os estudos que abordaram o caso dos grupos familiares coronelísticos.

Ao levantarmos o percurso da História da Família no Brasil, vemos que as primeiras abordagens sobre a família brasileira foram feitas por Oliveira Viana e Gilberto Freire; esses trabalhos datam das primeiras décadas do século XX.

Vianna (1920) utilizou-se da noção de "clã parental" para designar a família senhorial, mas foi Freire (1933) que, ao se

deter minuciosamente no estudo de um modelo de família, idealizou a noção de "Família Patriarcal". Esse termo predominou por várias décadas na historiografia brasileira, tendo como aval a contribuição de outros estudiosos.

Entre 1950 e 1960, o tratamento dispensado ao estudo da família enfatizou as questões sociais, raciais, de parentela e de poder. Nesse período, dentre outros trabalhos, destacam-se os de Cândido (1951 e 1954), que se dedicou a analisar a organização e a estrutura da família brasileira. Isso forneceu novas perspectivas ao entendimento da temática, porém, essas pesquisas ainda se detiveram em analisar a família sobre os prismas das bases "patriarcais".

A partir do final da década de 70, apareceram as "pesquisas acadêmicas" que reviram algumas questões anteriores sobre a temática Família e buscaram formas variadas para se entender a sociedade brasileira desde o passado Colonial. Alguns estudos passaram a contestar a idéia de "Família Patriarcal", defendida por Gilberto Freire. Dentre os trabalhos mais importantes desse período, podemos destacar a pesquisa da historiadora Samara (1979).

Posteriormente, na década de 1980, novos trabalhos surgiram, inovando a historiografia brasileira, ao questionarem o modelo de "Família Patriarcal", no âmbito do ambiente Colonial. Dentre eles, podemos citar a pesquisa da antropóloga Correa (1982). Ela afirma que a estrutura familiar brasileira configurava-se em um universo complexo, o qual não poderíamos reduzir apenas à "Casa - Grande" e à "Senzala". Também nessa discussão, destacam-se Samara (1982) e Almeida (1987). Para essas pesquisadoras, esse conceito genérico de estrutura familiar serviu de modelo e foi aceito estaticamente pela historiografia tradicional como único em seu tempo para exemplificar a sociedade brasileira.

Então, foi a partir da década de 1980, que os/as pesquisadores/as elaboraram seus estudos, utilizando-se de fontes variadas, como inventários, testamentos, escrituras, diários, con-

tratos de dote, certidões de nascimento, de casamento, de óbito e outros, possibilitando uma profunda revisão da História da Família no Brasil.

A historiadora Samara (1988/1989, p.12-13) levantou e selecionou trabalhos na área de História e de outras áreas com conteúdo histórico sobre a temática Família nos últimos vinte anos. Esse levantamento permitiu localizar 445 títulos (livros, coletâneas, artigos, teses, dissertações, textos publicados em anais e comunicações publicadas em Congressos), que privilegiam como objeto de estudo o tema Família. Isso demonstra que a História Social da Família no Brasil é um campo rico de pesquisa e reflexões. Nesse sentido, parece que os historiadores superaram a timidez inicial em lidar com a temática.

Segundo o dicionário Aurélio (1993, p.244), o termo "família" significa: "pessoas aparentadas que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Pessoas do mesmo sangue. Origem, ascendência." Os estudos mais recentes, porém, quando discutem o termo "família" no período Colonial, estendem-no para além dos laços consangüíneos; nas afirmações da historiadora Samara (1983), as relações familiares no período colonial extrapolaram a consangüinidade.

Para Samara (1983), a ilegitimidade, os laços de compadrio e vizinhança estavam indiretamente relacionados como unidade social básica nas relações familiares. A partir desse entendimento, a pesquisadora nos diz que:

A absorção de membros subsidiários (parentes, filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, amigos, serviçais, agregados e escravos) é que tornava esse modelo complexo, já que uma mesma unidade domiciliar agrupava componentes de várias origens (Samara, 1983, p. 13).

A antropóloga Correa (1982), ao focar alguns aspectos da História da Família no período Colonial, mostrou-nos que a

sociedade colonial brasileira não se deteve apenas nas camadas "senhoriais" e na "Família Patriarcal" extensa. Segundo essa pesquisadora, não podemos ignorar a variedade de elementos envolvidos na sua composição, pois mesmo os engenhos não funcionavam somente com a mão-de-obra escrava, havia neles homens e mulheres livres, que trabalhavam em regime de salário a "meia", a "terça" e outros. Dessa forma, as relações familiares extrapolavam os limites da "Casa - Grande" e da "Senzala".

Ainda, de acordo com as afirmações da autora acima, não podemos deixar de lado as questões internas, como a cultura e as diferenças regionais, pois o espaço social das unidades familiares era bastante amplo. Essa unidade familiar complexa foi fundamental e muito importante para o funcionamento das atividades econômicas, sociais, políticas e culturais no período colonial.

A partir dessas reflexões, observamos que não existe um consenso no que diz respeito à definição do conceito de família, pois as pesquisas mais recentes têm evidenciado que a composição e a definição de família para o caso brasileiro devem ser analisadas numa perspectiva plural, considerando variações de tempo, espaço e cultura.

Discutidas (em parte) algumas limitações e concepções sobre a temática Família e como ela está sendo tratada na historiografia brasileira, partamos agora para uma reflexão historiográfica no que concerne à família goiana.

Em Goiás, ainda são escassos os estudos nessa área. Os primeiros escritos que retratam a questão da família goiana, ou são obras biográficas, ou são trabalhos de genealogia sobre famílias importantes, reafirmando a condição de poder do grupo familiar.

Outras fontes importantes, porém pouco exploradas, são as obras literárias goianas que, muitas vezes, sem a pretensão de debater as concepções familiares, trazem-nos informações essenciais sobre as querelas familiares em torno do poder, o

papel das mulheres, as tradições, as condutas e normas que se estabeleceram em Goiás no período Colonial, Regencial e Republicano.

Na historiografia goiana, destacam-se nomes de historiadores e cientistas sociais que, ao analisarem o coronelismo em Goiás, lançaram mão dos estudos de casos de famílias. Dentre as análises mais maduras sobre o assunto, podemos destacar: Moraes (1974), que, em sua obra *História de uma Oligarquia: os Bulhões*, estudou a história da oligarquia da família Bulhões no Estado de Goiás; Campos (1975), em sua dissertação de mestrado (defendida na UFMG), trabalhou o caso do coronelismo que resultou na obra clássica *Coronelismo em Goiás*. Nesse trabalho, o sociólogo Francisco Itami Campos traça os arranjos políticos e procura explicar como eles ocorreram em Goiás durante a chamada "República Velha" (1889-1930).

Posteriormente, Dolles (1977) também estudou com muita qualidade o coronelismo familiar. Sua pesquisa é centrada no caso de São José do Duro (hoje Dianópolis – TO). Dalísia Dolles enfocou em seu trabalho o caráter mandonista do coronel Abílio Wolney. Esse coronel controlava a política, os cargos administrativos e a posse das terras, usando, muitas vezes, da violência.

A historiadora Costa (1978), em sua obra *Arraial e Coronel: dois estudos de história social*, faz um belíssimo estudo, composto pela história da figura do Comendador Joaquim Alves de Oliveira e sua ascensão econômica na região de Meia-Ponte (hoje Pirenópolis). A autora ressalta os aspectos sociais e econômicos do Engenho São Joaquim (hoje Fazenda Babilônia), destacando a reprodução de escravos e o caso de traição e assassinato na família do Comendador. Na segunda parte da obra, Lena Castelo Branco Costa analisa o caso do coronel Domingos Pacífico e sua diferenciação em relação aos demais coronéis da região.

Outras pesquisas que trataram de casos de famílias oligárquicas merecem ser destacadas, dentre elas o trabalho de Palacín (1990), autor da obra *Coronelismo no extremo norte: o*

*padre João e as três revoluções de Boa Vista*. Segundo Luís Palacín, as três revoluções aconteceram em Boa Vista em menos de seis décadas; a história das revoluções é apresentada a partir da memória escrita (imprensa) e da memória oral (entrevistas). O autor ressalta que as revoluções ocorreram sobre três tipos de conflitos: disputa pelo poder local, disputa pelo poder em nível estadual e disputa pelo poder e representatividade no Governo Federal. Vemos, portanto, que múltiplas são as análises sobre a temática do coronelismo familiar em Goiás.

Recentemente, o interesse de historiadoras/es goianas/os pela História Social da Família tem aumentado, possibilitando trabalhos como os de Nunes (1997), Ribeiro (1996), Fonseca (1997), Tristão (1998), Valdez (1999), Moreira (1999) e outros. Esses estudos mostram a preocupação das historiadoras/es goianas/os em reconstituir a diversidade da história da família em Goiás, pelo prisma das mentalidades, da vida privada, do cotidiano, do imaginário e da demografia histórica. Como vemos, todos esses trabalhos datam do final da década de 90, no século XX.

A historiadora Nunes (1997) defendeu como tese de doutorado, na Universidade de São Paulo, *A imigração árabe em Goiás (1890 – 1970)*. Heliane Prudente Nunes nos diz que para realizar seu trabalho foi preciso ir além das análises centradas na família em si e analisar os fatores econômicos, sentimentais, sociais, o papel da mulher, do trabalho, da educação etc, para daí tentar compreender a funcionalidade interna e externa da integração do grupo familiar árabe em Goiás. Sua pesquisa salienta a dificuldade encontrada para o levantamento de dados, pois as fontes são dispersas e ainda não estão catalogadas.

Nesse sentido, a análise elaborada por Heliane Prudente Nunes em torno da categoria “família goiana” é pioneira e de extrema relevância, pois ela procurou considerar os costumes, as diferenças, os hábitos, os casamentos endogâmicos, as crenças etc, para compreender o caráter da vida familiar do grupo de imigrantes árabes que para Goiás se deslocaram no século XIX e XX.

Outro trabalho de pesquisa, *Formas de Vida Familiar na*

*Cidade de Goiás nos Séculos XVIII e XIX*, realizada por Tristão (1998), (dissertação de mestrado defendida na UFG), reviu os conceitos de família no Brasil e privilegiou, como análise específica, as formas de vida familiar na cidade de Goiás nos séculos XVIII e XIX. Trabalhando a partir da concepção das mentalidades, sua análise mostra originalidade, pois embora explore fontes já utilizadas por outros pesquisadores, considera elementos inéditos, como cotidiano familiar, vida privada e relações pessoais que envolviam as famílias vilaboenses.

A autora constata que o modelo da concepção freyriana de "Família Patriarcal", utilizado como referência para o estudo da família, não prevaleceu para o caso da cidade de Goiás, pois esta não seguiu um padrão único, ao contrário, na cidade de Goiás, a estrutura familiar se deu de forma ampla e variada. Esse trabalho superou as análises históricas, políticas e econômicas e privilegiou um campo rico de possibilidades para o estudo da família, o das mentalidades.

Analisando "família e poder" em Goiás, a historiadora Ribeiro (1996) estudou o caso específico da "Família Caiado". Sua pesquisa, intitulada *Memória, Família e Poder: História de uma Permanência Política – os Caiados em Goiás* (dissertação de mestrado defendida na UFG), buscou compreender como o grupo familiar dos Caiado permaneceu tanto tempo no cenário político goiano. Assim, ela levantou e questionou os fatores que os levaram a permanecer no poder.

Segundo as afirmações da autora, a família Caiado elaborou uma série de estratégias para garantir o fortalecimento e a permanência do grupo, dentre elas: o casamento, a memória, a instrução, a virilidade e também a própria história do grupo. Portanto, esses elementos, segundo a pesquisadora, foram fundamentais para a permanência do grupo familiar no poder desde o período Colonial até a atualidade, pois esse grupo familiar conseguiu representatividade no cenário político regional e nacional.

Buscando analisar as estruturas familiares no município

de Morrinhos, sob a ótica do cotidiano e do imaginário, Fonseca (1997), em *Coronelismo e Cotidiano – Morrinhos (1889-1930)*, (dissertação de mestrado defendida na UFG), enfoca a participação do grupo familiar dos Lopes de Moraes e suas alianças políticas com os Xavier de Almeida. O poder da facção coronelística local era exercido pelo grupo, na figura do coronel Hermenegildo Lopes de Moraes. A autora salienta que construíram uma imagem da cidade de Morrinhos, como sendo uma cidade essencialmente cultural e progressista, que tinha no coronel Hermenegildo o protagonista das rupturas sociais e, ao mesmo tempo, a vítima do progresso. Assim, o poder coronelístico familiar diminuiu à medida que o progresso econômico e social se fez presente na cidade.

Privilegiando a história social da família e da criança, Valdez (1999) envereda-se no tema infância e compõe *Filhos do Pecado, Moleques e Curumins: Imagens da Infância nas Terras Goianas do Século XIX* (dissertação de mestrado defendida na UFG). A pesquisadora evidencia as dificuldades encontradas para a elaboração de seu trabalho, já que crianças pouco aparecem nas documentações escritas e iconográficas. Isso, porém, não a impediu de levantar e responder a algumas questões importantes acerca da caracterização da infância em Goiás do século XIX.

Em seu trabalho, Valdez (1999) nos mostra como viviam e como eram criadas as crianças legítimas e as ilegítimas, num espaço onde os filhos sentiam na "própria pele" as conseqüências da forma como foram concebidas. É muito interessante sua análise no que diz respeito aos *filhos do pecado*. Segundo a pesquisadora, o concubinato não era uma prática específica de uma determinada camada social, daí tanta indignação por parte de viajantes europeus (consultar Saint-Hilaire, 1975 e Phol, 1975) que por aqui passavam nesse período. Esse trabalho nos aponta traços interessantes sobre a forma de viver dos goianos no século XIX, pois parte da população não demonstrava surpresa com a situação de concubinato existente na província.

Recentemente o historiador Moreira (1999), em sua pes-

quiza *Trajetória de uma Família Italiana em Goiás: o Caso dos Balestra*, discutiu como se deu a trajetória da imigração italiana para Goiás, especificamente o caso da família Balestra e sua permanência na cidade de Inhumas. O pesquisador elucidou a participação e a importância da inserção da imigração italiana na economia e na política de Inhumas, ressaltando a exploração da agropecuária por esses imigrantes.

Todos esses trabalhos citados são importantes para compor a história da família goiana, na medida que, ao abordarem a história regional, privilegiam as especificidades regionais e a análise das múltiplas diferenças das formas familiares em Goiás.

As análises feitas por essas/es pesquisadoras/es inauguraram um enfoque que certamente será percorrido por outros pesquisadores; as fontes (ainda que poucas) existem e precisam ser levantadas, organizadas e interpretadas, pois provavelmente a vida familiar goiana tem muitos aspectos a serem desvendados.

A reflexão que realizamos sobre a historiografia em torno da temática Família levou-nos a perceber que o tema vem ganhando mais e mais destaque nos espaços acadêmicos. Os trabalhos analisados mostram que tanto no Brasil quanto em Goiás existiram várias formas de vida familiar. Atualmente, apesar da dispersão das fontes, o estudo sobre a família mostra uma certa maturidade, pois algumas etapas já foram vencidas. Hoje, já podemos falar de uma História Social da Família no Brasil, pois os pesquisadores, ao analisarem a temática a partir de um "novo olhar", propiciam mudanças nos enfoques históricos, enriquecendo o conhecimento.

Entendemos que não podemos analisar a História da Família no Brasil e em Goiás com base em um único modelo, pois diversas em suas condições econômicas, sociais e étnicas, as famílias apresentam cultura, costumes e crenças diferenciadas, assumindo regionalmente características variadas.

Parte das pesquisas apresentadas questionaram o modelo de "Família Patriarcal", mostrando que ela não dominou em

linhas gerais, pois existiram outras formas de organização familiar, as quais não podemos desconsiderar. Isso também é válido para o caso de Goiás.

Dessa forma, em nível de Goiás, os primeiros passos já foram dados, porém, temos que reconhecer que muito ainda precisa ser feito para construirmos a História da Família em terras goianas.

### ABSTRACT

CARVALHO, Maria Meire de. The reflection historiographic about the history of the family in Brazil and in Goiás, *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n. 4, Jan./Dez. 2000.

The present article is going to explain how the brazilian historiography have dealt with the thematic **Family**. In this way, we are going to detach how the new historiography view of the finishing decades collaborated to the studies that discuss the question about family, about woman, about sexuality, about negro, about child etc; and also about areas in history which until little time were considered of little importance. We are going to tell yet, how this thematic is being discussed in level of Goiás.

### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Ângela Mendes de. Notas sobre a família no Brasil. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de (org.) *Pensando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- ARIÉS, Philippe. A História das Mentalidades. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 158 - 160.
- . *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro, 1981.
- CÂNDIDO, Antônio. *A vida familiar do caipira*. São Paulo: Sociologia, v. XVI, n. 04, 1954.
- . The Brazilian Family. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, Alexandre. *Brazil: portrait of half a continent*. New York: Dyden Press, 1951.
- CAMPOS, Itami. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: UFG, 1982.
- CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: ALMEIDA,